

A RETÓRICA EM DOM CASMURRO

Patrícia Jeronimo Sobrinho (Unigranrio)
professoremacao@gmail.com

1. *Introdução*

“Alma grega exilada em nossos lares”. Essa definição dada por Antônio Salles a Machado de Assis, em circunstâncias da morte do escritor – em 1908, já evidencia a relação que Machado de Assis tinha com a Grécia. Entretanto, a presença grega nas obras machadianas tem sido pouco estudada. Seria por que não haveria leitores capazes de sentir, pensar e imaginar como um grego da Antiguidade?

Através de um olhar acurado, o leitor poderá perceber vários pontos de intersecção da obra machadiana com a literatura grega. Em *Dom Casmurro*, a herança grega fica evidente no uso do discurso retórico, contando a história de amor e ciúme entre Bentinho e Capitu de forma a convencer o leitor (e ao próprio Bentinho) de que Capitu é a grande culpada na história, a começar pelo próprio narrador. Nesse sentido, o autor estrutura, pelos caminhos da retórica, a obra com o intuito de culpar Capitu de adultério e de fazer a defesa de Bentinho.

Tendo em vista isso, o presente estudo tem como propósito analisar a retórica utilizada por Bentinho em *Dom Casmurro*. Para isso, faz-se necessário – ao longo do estudo – buscar trechos extraídos da *Arte Retórica* de Aristóteles, a fim de ajudar a construir referências em torno dessa arte.

2. *A retórica de Bentinho*

A palavra retórica (originária do grego *rhetoriké*) tem sido entendida historicamente em acepções muito diversas, mas a concepção que servirá de base para esse estudo é a da tradição grega, na qual é entendida como a arte da persuasão. Considerada uma das disciplinas mais antigas do mundo ocidental, ela tem como objetivo convencer o ouvinte/leitor por meio de um jogo discursivo, da argumentação.

De acordo com Aristóteles, a retórica comporta três gêneros: deliberativo, demonstrativo e judiciário. Para fins desse estudo, será focado apenas o último. O gênero judiciário “comporta a acusação e a defesa:

necessariamente os que pleiteiam fazem uma destas coisas” (ARISTÓTELES, 1969, p.50). Nesse sentido, o fim do gênero judiciário é acusar ou defender alguém de um fato que ocorreu no passado. Em *Dom Casmurro* o que prevalece é a acusação em prol da defesa de Bentinho.

O narrador tem em mãos todo o discurso, o que lhe dá poder para situar a narrativa na visão de mundo dele, da classe dominante. Bentinho é filho de uma viúva vinculada ao sistema agrária do Império. Portanto, ele representa o conservadorismo, o sistema rígido familiar vigente na sociedade carioca durante o Segundo Reinado. E nesse sistema rígido, a mulher ocupa um lugar de inferioridade. Entretanto, Capitu se distancia desse comportamento feminino. Ela, ao contrário de Bentinho, é filha de pobres, porém independente, inteligente, segura de si e interesseira. Para Capitu, e para as demais mulheres da época, o casamento é sinônimo de propriedade. A esse respeito Bosi destaca:

(...) almejam a plena inserção na sociedade conservadora onde vivem; sociedade em que o capital se vale comodamente do trabalho escravo, e que, pelo ângulo das relações de dependência, poderá qualificar-se de paternalista (BOSI, 2007, p. 23).

O fato de Capitu pertencer a uma posição social inferior à de Bentinho, de certo modo, marginaliza a personagem e concede um peso maior ao relato do personagem masculino da trama, Bentinho. Por isso, Capitu – por fazer parte de uma classe inferior – é caracterizada como uma interesseira, capaz de tudo para alcançar prestígio e poder. Nesse sentido, percebe-se que o drama individual de Capitu leva-a ao drama social, buscando “firmemente a realização do seu projeto matrimonial e, por tabela, patrimonial” (BOSI, 2007, p.19), uma forma de ascender socialmente.

Na verdade, a fala do narrador-personagem é um grande exercício de retórica. Segundo Aristóteles, dentre todas as artes, a retórica é única “capaz de gerar a persuasão” (ARISTÓTELES, 1969, p.42). Para esse autor, cada arte possui um objeto que lhes é próprio e sobre o qual ela persuade. Cita como exemplos: a Medicina, que tem como objeto a saúde; a Geometria, as grandezas; a Aritmética, os números; etc. Entretanto, a única capaz de suscitar a persuasão, é a retórica. Esta arte não possui um objeto próprio e determinado, mas possui a capacidade de descobrir o que é necessário para persuadir. O que é fundamental, então, para se obter a persuasão?

Obtém-se a persuasão do ouvinte a partir de três meios. O primeiro é o caráter moral do orador, que utiliza um discurso digno de confiança. O segundo meio são as disposições que o discurso ocasionou no ou-

vinte, isto é, diz-se que a persuasão atinge o seu ápice quando o discurso leva o leitor a sentir uma paixão, seja uma aflição, uma alegria, um ódio ou uma amizade. O último meio de se obter a persuasão é através do próprio discurso, pelo que ele demonstra ser Verdade ou não.

Fazendo uma análise de *Dom Casmurro*, percebe-se que Bentinho faz uso desses três meios para se obter a persuasão, a começar pela sua própria caracterização. Logo no início do romance, Bentinho conta como recebeu o seu apelido, “*Casmurro* não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo” (*Dom Casmurro*, p.15); e o porquê de contar a sua história, “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” (*Dom Casmurro*, p.17). Com esta última declaração, Bentinho já cria uma veracidade à história, afinal, o leitor pressupõe que lerá as suas memórias, pois a narrativa é a retrospectiva da vida do próprio narrador-personagem. Essas informações são importantes para a caracterização do personagem cujo intuito é de estabelecer o contraste com a personalidade de Capitu e, assim, ser digno de confiança.

Bentinho utiliza um discurso que leva o leitor a sentir diferentes sensações, “aflição ou alegria, amizade ou ódio” (ARISTÓTELES, 1969, p.42). A leitura do romance nos permite experimentar essas sensações. Em uma das passagens, Bentinho faz referência a uma peça que havia assistido, *Otelo*, a fim de usá-la como argumento para reafirmar a culpa de Capitu frente à diferença de Desdêmona.

Tendo conhecimento da situação dramática de *Otelo*, o leitor já caminha para um desfecho trágico. Ao assistir à peça *Otelo*, Bentinho se identifica com o mouro Otelo e aproxima Capitu, pelo contraste, de Desdêmona. Esta é uma esposa amorosa e cândida, vítima de uma injustiça. Capitu, ao contrário, é falsa, mentirosa e interesseira. Por isso, merece uma punição pior do que a aplicada pelo mouro para tirar a vida da esposa. O que aproxima Capitu de Desdêmona é a acusação de infidelidade feita a ambas. No caso de Capitu, a acusação é ainda mais complexa, pois o seu próprio filho é usado como prova de adultério.

No decorrer do romance, verifica-se que Bentinho não mata Capitu tampouco se suicida. Ainda que, de forma bem astuciosa, ele a destrua. No capítulo intitulado “A Xícara de Café”, Bentinho é levado por um impulso suicida com a intenção de acabar com toda a história de traição:

Já a casa estava em rumores; era tempo de acabar comigo. A mão tremeu-me ao abrir o papel em que trazia a droga embrulhada. Ainda assim tive o

ânimo de despejar a substância na xícara, e comecei a mexer o café, os olhos vagos, a memória em Desdêmona inocente; o espetáculo da véspera vinha intrrometer-se na realidade da manhã. Mas a fotografia de Escobar deu-me o ânimo que ia me faltando; lá estava ele, com as mãos nas costas da cadeira, a olhar ao longe...

– Acabemos com isto, pensei.

Quando ia beber, cogitei se não seria melhor esperar que Capitu e o filho saíssem para a missa (...). Ouvi a voz de Ezequiel no corredor, vi-o entrar e correr a mim brandando:

– Papai! Papai!

– Leitor, cêrio que aqui um gesto que eu não descrevo por havê-lo inteiramente esquecido, mas crê que foi belo e trágico. Efetivamente a figura do pequeno fez-me recuar até dar de costas na estante. (*Dom Casmurro*, p. 234)

Movido pelo sentimento de amor que, segundo ele, “havia esquecido”, Bentinho desiste de se matar, embora não abandone a ideia de livrar-se tanto de Capitu quanto de Ezequiel. Bentinho encontra outra solução para livrar-se de ambos: envia-os para a Europa. Dessa maneira, ele se defenderia e ainda manteria as aparências:

Ao cabo de alguns meses, Capitu começara a escrever-me cartas, a que respondi com brevidade e sequidão. As dela eram submissas, sem ódio, acaso afetuosas, e para o fim saudosas; pedia-me que a fosse ver. Embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado (*Dom Casmurro*, p. 240).

Ao ir para a Europa com o filho, Capitu de certa forma assume o adultério, mas não confessa para não perder a respeitabilidade pública. Vivendo na Europa e criando o filho como uma dama da alta sociedade, ela evitaria um escândalo na sociedade e não perderia o prestígio social. Segundo Bentinho, a separação deveria ser feita “por meias palavras ou em silêncio” (*Dom Casmurro*, p. 237) tendo em vista o que tal revelação poderia causar a sua pessoa pública. Assim, ele aceita a viagem e mantém as aparências viajando constantemente para a Europa, não para visitar Capitu, mas para enganar a opinião pública de que o casamento, mesmo a distância, ainda se mantinha.

Aristóteles ressalta que para se defender ou acusar é necessário ter provas. Somente elas podem dizer a Verdade ou não sobre os fatos. De acordo com Aristóteles, há provas dependentes e independentes da arte. Nestas, as provas são fornecidas por nós, elas pré-existem, por exemplo, testemunhos, confissões, convenções escritas etc. Naquelas, as provas são fornecidas pelo método e pelo meio, precisam ser encontradas.

Examinando cuidadosamente o discurso do narrador– personagem, percebe-se que não há provas sobre a traição de Capitu, há somente suposições. Crê-se que Ezequiel, filho de Capitu, seja a única prova concreta da traição. A semelhança física entre Ezequiel, filho de Bentinho, e Escobar instalam definitivamente a desconfiança do adultério cometido por Capitu, “Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo” (*Dom Casmurro*, p. 227).

Bentinho despreza Ezequiel porque este possui as feições de Escobar. Com o passar dos dias, essa semelhança aumenta e faz com que Bentinho deseje a morte do seu próprio filho. Tal ideia pode ser percebida no capítulo, “Segundo Impulso”, em que Bentinho obriga Ezequiel a beber uma xícara de café, mas seu impulso foi contido. Quando deu por si, já estava beijando a cabeça do menino.

Sem usar o filho de Capitu para comprovar o adultério, o que resta são apenas provas baseadas em argumentos que podem ser facilmente revertidos, como por exemplo, a de que Capitu é mentirosa. No capítulo “Outra Voz Repentina”, Bentinho e Capitu estão a sós, quando o pai dela se aproxima e os pergunta se estão “jogando o siso”, Capitu responde por ambos, “Estávamos, sim senhor, mas Bentinho ri logo, não aguenta” (*Dom Casmurro*, p.40). Na verdade, Capitu estava escrevendo o nome dos dois no muro. Esse episódio enfatiza em Capitu a arte de mentir e desconversar um assunto. Entretanto, o comportamento de Bentinho não diferencia muito do de Capitu. No capítulo “A solução”, Bentinho destaca que não visitara a esposa uma única vez na Europa e que, ao perguntarem por ela, dava as notícias “como se acabasse de viver com ela; naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isto mesmo, e enganar a opinião” (*Dom Casmurro*, p.240). Esse trecho confirma que Bentinho, assim como Capitu, também conhecia a arte de mentir.

Embora a retórica utilizada pelo narrador-personagem tenha como objetivo convencer o leitor, de forma eficaz, sobre a má índole de Capitu, torna-se contraditória e insuficiente, como se pode observar nos trechos acima. Bentinho acusa Capitu de mentirosa e ele próprio também é um mentiroso. Além disso, pode-se perceber que, no decorrer do romance, ele se mostra uma pessoa com lapsos de memória, embarçando os fatos:

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes, somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e feições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! (*Dom Casmurro*, p. 118).

Além de ter lapsos de memória, Bentinho também possui uma fértil imaginação. No capítulo “Uma égua”, ele confessa esse dom, “Já conheceis as minhas fantasias (...) A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar (...)” (*Dom Casmurro*, p. 86).

Os lapsos de memória e a fértil imaginação dão ao leitor os elementos necessários para desconstruir a retórica elaborada por Bentinho, uma vez que sua memória fraca embarça os fatos, distorcendo-os, falseando-os e imaginando-os. Logo, o leitor desconfiará da Verdade dos fatos narrados por Bentinho e também de que Capitu seja a grande culpada na história, mas ele prossegue a sua narração com vistas a acusá-la.

A partir de inúmeros acontecimentos, ele tenta obter a adesão do leitor, de fazer com que este acredite no adultério cometido por Capitu. No início da narrativa, Capitu é acusada de desmiolada por José Dias, agregado que mora na casa dos pais de Bentinho. No capítulo “Olhos de Ressaca” a acusação persiste, José Dias usa a metáfora “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” (*Dom Casmurro*, p.71) para caracterizar negativamente Capitu.

A acusação prossegue em outras metáforas, como por exemplo, quando Bentinho diz que Capitu tem “olhos de ressaca”:

Vá, de ressaca. É o que me dá a ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. (*Dom Casmurro*, p.71)

Essa metáfora “olhos de ressaca” faz o leitor acreditar que Capitu possui uma má índole – seus olhos são traiçoeiros como o mar, atraem para destruir. O olhar da personagem é visto de forma pejorativa, confirmando a colocação de José Dias: “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” (*Dom Casmurro*, p. 71).

Bentinho argumenta também que o modo como Capitu agia quando criança já prenunciava o seu comportamento adulto. Além de mentirosa, ele também a caracterizava como esperta, “Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois” (*Dom Casmurro*, p. 47); e como “uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda não o disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição” (*Dom Casmurro*, p. 68).

Capitu é o oposto da mãe de Bentinho, esta aceita ser marginalizada pelas “ações” de um homem, José Dias. Capitu é diferente das mulheres do século XIX – submissas ao homem, excluídas da sociedade. Ela não se sujeita a essa condição; não aceita ser silenciada pelos propósitos morais de “educação da mulher” presentes no século XIX. Ao contrário, Capitu luta contra a ida de Bentinho para o seminário e usa toda a sua esperteza para mudar a situação com o intuito de obter o que deseja, ou seja, a união entre ela e Bentinho.

No capítulo “Um plano”, fica evidente a esperteza de Capitu em relação a Bentinho. Ela usa táticas para fazer os outros realizarem o que deseja, ora lutando contra os fortes, ora coagindo os fracos. Em “Um plano”, Capitu manipula Bentinho a fim de impedi-lo de ir para o seminário. Ela ordena-o a falar para José Dias que ele, Bentinho, não tem vocação para o seminário. Ao fazer isso, José Dias falaria com a mãe de Bentinho e esta desistiria de enviá-lo para o seminário, pois a mãe de Bentinho faz tudo o que José Dias pede.

Ele gosta muito de você. Não lhe fale acanhado. Tudo é que você não tenha medo, mostre que há de vir a ser o dono da casa, mostre que quer e que pode (...) Ande, peça, mande. Olhe; diga-lhe que está pronto a ir estudar leis em São Paulo. (*Dom Casmurro*, p. 49)

Cabe aqui destacar que o nome “Capitu” é adequado para designar as qualidades da personagem. Derivado do substantivo capitólio, o nome Capitu em português é “utilizado principalmente em sentido figurado como substantivo comum cujo significado é triunfo, glória, eminência, esplendor, magnificência” (CALDWELL, 2002, p. 76). Por isso, Capitu é caracterizada por Bentinho como corajosa, persistente, segura, esperta e confiante em si mesma. Toda essa insistência na caracterização de Capitu tem como objetivo marcar o contraste com o comportamento passivo, emotivo e fraco de Bentinho, “com os braços atados e medrosos” (p. 45). Mas será que Bentinho não cometeu uma injustiça?

Ocasionar voluntariamente dano a alguém é cometer uma injustiça, seja violando uma lei particular ou comum. Entende-se por lei particular aquela que rege a cidade, a que está escrita. Já por lei comum, aquela que, embora não seja escrita, é reconhecida por todos. Entretanto, nem tudo o que se faz de modo voluntário é resultado de uma escolha premeditada. Quando se realiza algo de forma premeditada, tem-se conhecimento das causas dessa escolha premeditada. As principais causas que levam o indivíduo a cometer uma injustiça são: “acaso, natureza, co-

ação, hábito, reflexão, ira, desejo” (ARISTÓTELES, 1969, p. 85). Talvez o que leva Bentinho a cometer uma injustiça é a ira.

Movido pelo ciúme doentio entre Capitu e Escobar, ele decide se vingar, acusando Capitu de adultério. Aristóteles destaca que “o arrebatamento e a cólera são a causa dos atos de vingança” (ARISTÓTELES, 1969, p. 86). Ao contrário do castigo, que tem como finalidade o bem do paciente, a vingança tem como efeito a satisfação só de quem a pratica. Para livrar-se da culpa do seu fracasso existencial – nunca se encontrou, inseguro, sempre teve um temperamento duvidoso – Bentinho se vinga, acusando Capitu de traição. O desejo leva-o a executar ações que somente para ele são agradáveis. A vingança provoca em Bentinho um efeito de satisfação e em Capitu, de injustiça.

Sofrer uma injustiça é ser lesado por uma pessoa que age voluntariamente (...), cometer injustiça é praticar um ato voluntário. Como a vítima sofre necessariamente um dano, e o sofre contrariada, claramente se vê, pelo que fica dito, quais são as diferentes espécies de danos. (ARISTÓTELES, 1969, p. 100).

Além da ira, é a paixão que faz Bentinho perder o juízo e acusar Capitu de infidelidade. De acordo com Aristóteles, “as paixões são as causas que introduzem mudanças em nossos juízos, e que são seguidas de pena e de prazer” (ARISTÓTELES, 1969, p. 118). Bentinho ama Capitu e não aceita ter sido traído. Em contrapartida, movido pela paixão, culpa Capitu de adultério. Fazendo isso, ele se defende. Em outras palavras, tendo Bentinho alcançado o desejo de convencimento, ficará livre das “inquietas sombras” que o perseguem.

Aos olhos de Bentinho, a honra e a confiança de Capitu devem ser postas à prova. O episódio do velório de Escobar, no qual Capitu se debruça em lágrimas como se fosse a viúva, “Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã” (*Dom Casmurro*, p. 217), instalam em Bentinho a inquietude que o levará, muitos anos depois, a escrever o romance. Essa inquietude não reside no fato da condenação de Capitu como infiel, mas na construção e propagação do seu próprio sentimento de dúvida.

Por um lado Capitu proporciona a Bentinho uma felicidade extasiante, por outro, dor e sofrimento. Tal ambiguidade pode ser percebida no capítulo “Capitu que entra”, em que Capitu escuta do marido as acusações de que ela e Escobar teriam um caso. Capitu, então, entra no escri-

tório, onde está Ezequiel e Bentinho. Este, ao se deparar com Capitu, é tomado por uma fúria violenta e, ao mesmo tempo, por um olhar aguçado sobre a personagem, “Não sei se era dos meus olhos, mas Capitu pareceu-me lívida” (*Dom Casmurro*, p. 236). Assim, Capitu é retratada como uma figura bivalente: frágil como uma boneca de porcelana, por isso a palidez da personagem; e fatal, como uma mulher que, simbolicamente, mata Bentinho (marido medíocre) para dar vida a Dom Casmurro (marido ciumento).

Após essa cena, Bentinho continua a sua acusação, dizendo que Capitu estava confusa, mas que a sua aparência não era de acusada. De acordo com Bosi (2007, p. 37), “Bento discerne melancolia no rosto de Capitu, que não se mostra rendida ao julgamento do marido, apenas tenta se defender: “Não Bentinho, ou conte o resto, para que eu me defenda, se você acha que tenho defesa, ou peço-lhe desde já a nossa separação: não posso mais!” (*Dom Casmurro*, p. 237). Nesse momento, Bentinho fala sobre a desconfiança de que ela e Escobar teriam um envolvimento e desse envolvimento teria nascido Ezequiel, fisicamente parecido com Escobar. Capitu encerra a conversa dizendo que seja feita a vontade de Deus, Este, como ninguém, explicará tudo. Dessa maneira, com desdém, finalizou o assunto sem dar a tal justificação que tanto Bentinho desejava: de que ela era culpada.

No último capítulo, o narrador constrói metaforicamente os pensamentos que foram pré-concebidos no início da narrativa, a fim de persuadir o leitor e a si mesmo da traição de Capitu, sem arrependimento ou sentimento de culpa:

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me (...) (*Dom Casmurro*, p. 250).

Leitores e críticos literários, até hoje, ressaltam a ambiguidade da personagem Capitu, caracterizada a partir da visão do marido. Em *Dom Casmurro*, sendo as memórias de Bentinho, encontra-se apenas a sua versão dos fatos e não os fatos em si. Só se conhece Capitu e os outros personagens por meio do relato do marido, que se diz traído. Dessa forma, além da ambiguidade gerada em torno de Capitu, tem-se também dúvida em relação ao que se conhece dos outros personagens e do que realmente eles são.

3. Conclusão

Entendida como a arte da boa argumentação, a retórica tem como função convencer, encantar o público por meio do discurso. Ela é tida como um instrumento de persuasão e de uso da linguagem cuja finalidade é influenciar aqueles a quem ela se dirige. Machado de Assis herda dos escritores da antiguidade os fundamentos da retórica, encontrada, por exemplo, em Aristóteles.

Toda a técnica argumentativa oriunda dos gregos é retomada por Machado de Assis em *Dom Casmurro*. Narrada em primeira pessoa, essa obra fornece a visão que Bentinho tem dos fatos. A voz solitária desse narrador, que rememora a história de sua vida, busca no passado vozes que já estão silenciadas, ou seja, Capitu e Escobar (acusados de traição) não têm o direito de defesa, pois já estão mortos, cabendo toda a responsabilidade narrativa ao narrador de primeira pessoa.

Por meio de um narrador-personagem, toda a narrativa é condicionada à própria visão que esse narrador-personagem tem dos acontecimentos. O leitor, então, cai em uma armadilha narrativa, pois ela é estruturada de modo que Capitu seja considerada a adúltera. Isso ocorre porque o discurso usado pelo narrador Bentinho, no início do livro, constrói de forma intencional a imagem da personagem Capitu, convencendo o leitor da traição e do adultério cometidos por ela. Nesse sentido, a fala de Bentinho atesta, de alguma forma, a legitimidade do que é dito. Entretanto, ao final do romance, o leitor não consegue provar a culpa ou inocência de Capitu, ficando na dúvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CALDWELL, Helen. *O Otelô Brasileiro de Machado de Assis*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

PERELMAN, Chaïm. *Tratado de argumentação – A nova retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REGO, Enylton de Sá. *O calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.